

Corina NUȚU

**Sinceridade e ficcionalidade
nos *35 Sonnets* de Fernando
Pessoa**

Com apoio financeiro



Corina NUȚU

**Sinceridade e ficcionalidade
nos 35 *Sonnets* de Fernando Pessoa**

Com apoio financeiro



Editura UNIVERSITARIA

Craiova, 2016

Referenți științifici:

**Prof. univ. dr. Cristiana Nicola TEODORESCU, Universitatea din
Craiova**

Conf. dr. Mioara CARAGEA, Universitatea din București

Conf. dr. Fátima OUTEIRINHO, Universitatea din Porto

Copyright © 2016 Editura Universitaria
Toate drepturile sunt rezervate Editurii Universitaria

**Descrierea CIP a Bibliotecii Naționale a României
NUȚU, CORINA**

**Sinceridade e ficcionalidade nos "35 Sonnets" de Fernando Pessoa /
Corina Nuțu. - Craiova : Universitaria, 2016**

Conține bibliografie

ISBN 978-606-14-1039-2

821.134.3.09 Pessoa,F.

Introdução

O propósito deste trabalho é reavaliar o lugar ocupado pelo conjunto de sonetos shakespearianos escritos em inglês, *35 Sonnets*, dentro da obra do poeta modernista português Fernando Pessoa, tendo em conta a maneira como este volume reflete as ideias expostas por Pessoa nos seus escritos em prosa. Uma análise mais detalhada da poética de Pessoa pode lançar luz sobre a escolha aparentemente anacrônica do poeta de escrever, nas primeiras décadas do século passado, um ciclo de sonetos ingleses seguindo o modelo de Shakespeare. Os sonetos, cuja redação parece ter começado em 1910,¹ poucos anos depois de Pessoa ter voltado definitivamente para Portugal após uma adolescência passada na África do Sul, e se prolongou até à sua publicação em 1918,² podem ser vistos como uma concretização das suas procuras de uma nova linguagem poética e dos seus intentos de encontrar um lugar na tradição lírica ocidental. Iniciados num momento de crise, no meio da transição duma cultura e duma literatura para outra, quando Pessoa ainda estava a definir a sua poética, os *35 Sonnets* podem iluminar algumas das particularidades da solução encontrada pelo poeta português para ultrapassar a “crise da linguagem” associada por alguns críticos à criação poética do fim do século XIX e do começo do século XX.³

O primeiro capítulo, “Os sonetos ingleses de Fernando Pessoa e o problema da sinceridade”, questiona alguns dos lugares comuns consagrados pela crítica pessoana no que diz respeito à vida e à obra de Pessoa. O subcapítulo “*35 Sonnets* e a crítica” examina a maneira como os *35 Sonnets* foram interpretados pela crítica literária até ao presente e como estas interpretações refletem algumas ideias frequentemente

1 João Dionísio, “Prefácio”, in Fernando Pessoa, *Poemas Ingleses*, tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993, p. 7; Luísa Freire, “35 Sonnets”, in Fernando Cabral Martins (coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008, p. 860

2 Richard Zenith, “Prefácio”, in Fernando Pessoa, *Poesia Inglesa*, ed. Richard Zenith, Lisboa, Círculo de Leitores, 2007, p. 14

3 George Steiner, *Linguagem e Silêncio. Ensaios sobre a Crise da Palavra*. trad. Gilda Stuart e Felipe Rajabally, São Paulo, Companhia das Letras, 1988, pp. 69-70; Laurence M. Porter, *The Crisis of French Symbolism*, Ithaca, London, Cornell University Press, 1990, p. x, pp. 11-12, p. 20

retomadas na exegese pessoana. O conjunto de sonetos shakespearianos de Pessoa ocupou, tradicionalmente, um lugar marginal na obra do poeta português, e as perspectivas adotadas por alguns dos primeiros pesquisadores que os analisaram, como Jacinto do Prado Coelho, Maria da Encarnação Monteiro ou Jorge de Sena, ainda influenciam a maneira como esta obra é percebida. Confrontados com a dificuldade de explicar a preferência mostrada por Pessoa, no início do século XX, pela forma fixa do soneto, pela dicção poética renascentista e pelo inglês isabelino, muitos críticos consideraram este ciclo de sonetos ingleses como um simples “exercício literário” afetado por um “total artificialismo da expressão”⁴ e pelo caráter “*livresco*, desenraizado, de estufa”⁵ do inglês de Pessoa, ou como uma demonstração, marcada por um “dissolvente pessimismo de raiz schopenaueriana”,⁶ do “exercício sem finalidade da inteligência”.⁷ Ao mesmo tempo, a oposição estabelecida por João Gaspar Simões entre a poesia inglesa “de inspiração formal *livresca*, de linguagem literária arqueológica”,⁸ que “não refletia a imagem genuína da sua alma”,⁹ e os versos portugueses onde Pessoa teria estabelecido “as mais íntimas afinidades entre o que sentia e o *como* o exprimia”¹⁰, foi retomada por vários pesquisadores, como H. D. Jennings, Catarina Edinger, Y. K. Centeno, Onésimo T. Almeida, ou Mark A. Lokensgard.¹¹

4 Jorge de Sena, *Fernando Pessoa & C^a Heterónima*, Edições 70, Lisboa, 2000, pp. 316-317

5 João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, 5^a edição, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1987, p. 86

6 Jacinto do Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, Lisboa, Verbo, 1991, p. 180

7 Maria da Encarnação Monteiro, “Incidências Inglesas na Poesia de Fernando Pessoa”, in *Biblos*, vol. XXXI, 1955, p. 49

8 João Gaspar Simões, *op. cit.*, p. 86

9 *Ibid.*, pp. 114-115

10 *Ibid.*

11 H. D. Jennings, *Os Dois Exílios: Fernando Pessoa na África do Sul*, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos, 1984, p. 125; Catarina Edinger, *A Metáfora e o Fenómeno Amoroso nos Poemas Ingleses de Fernando Pessoa*, Porto, Brasília, 1982, pp. 9-13, p. 89; Yvette K. Centeno, *Os Trezentos e Outros Ensaios*, Lisboa, Presença, 1988, pp. 80-82, p. 87; Onésimo Teotónio Almeida, “Sobre o Sentido de *a Minha Pátria É a Língua Portuguesa*”, in *Colóquio Letras*, nº 97, maio 1987, pp. 40-41; p. 43; Mark A. Lokensgard, “‘Crabbedness’ and the Backwards Advance to Portugal: Hyphenation in and the Poetic Impulse of Fernando Pessoa’s 35 Sonnets”, in *Portuguese Studies*, King’s College London, vol. 15, 1999, pp. 147-148

Embora o valor da poesia inglesa seja reconhecido, geralmente, por constituir “uma primeira forma de heteronímia”¹², estes críticos sublinharam a oposição entre o inglês, considerado como “língua do intelecto” e o português, “língua do coração”,¹³ explicando desta maneira a superioridade dos poemas escritos na língua materna.

O seguinte subcapítulo, “A sinceridade na poesia inglesa de Pessoa” toma em conta as atitudes diferentes da crítica em relação a várias obras inglesas de Pessoa, como 35 *Sonnets* e o conjunto de poemas “místicos” *The Mad Fiddler*. Ao passo que os primeiros foram geralmente considerados como uma obra extremamente idiossincrática, isolada do resto da obra do poeta, e criticados devido à sua artificialidade e intelectualidade excessivas, o segundo conjunto de poemas foi apreciado por críticos como Richard Zenith ou Luísa Freire como uma síntese “de todo o credo filosófico e poético de Fernando Pessoa”¹⁴ ou como um “microcosmo”¹⁵ da poética e da estética de Pessoa. No entanto, esta tendência opõe-se às ideias expressas por Pessoa nos esboços do prefácio deste volume, onde, ao mesmo tempo que se declara “pagão”, dissociando-se desta maneira do conteúdo “panteísta” dos poemas, afasta-se da estética romântico-simbolista predominante neles, expressando a sua adesão aos princípios clássicos de composição.¹⁶ Ao considerarem *The Mad Fiddler* como uma profissão de fé, apesar de o autor ter apresentado explicitamente as atitudes adotadas neste volume como simples máscaras literárias, estes críticos caem no erro, muito comum na exegese das obras de Pessoa, de tentarem identificar uma sinceridade pessoana fundamental, confundindo os limites entre o sujeito poético fictício dos poemas e a personalidade real do autor. Da mesma maneira, os 35 *Sonnets* foram frequentemente associados à divisão entre

12 Yvette K. Centeno, *op. cit.*, p. 87

13 H. D. Jennings, *op. cit.*, p. 125

14 Richard Zenith, *op. cit.*, p. 28

15 Anne Terlinden, *Fernando Pessoa: The Bilingual Portuguese Poet. A Critical Study of «The Mad Fiddler»*, Bruxelles, Publications des Facultés universitaires Saint-Louis, 1990, p. 218; Luísa Freire, “The Mad Fiddler”, in Fernando Cabral Martins (coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008, p. 430

16 Fernando Pessoa, *Poemas Ingleses. Tomo III. The Mad Fiddler*, ed. Marcus Angioni e Fernando Gomes, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999, pp. 115-116

pensamento e sentimento que teria sido a causa fundamental do sofrimento de Pessoa, de acordo com a conceção consagrada na crítica pessoana por Jacinto do Prado Coelho e João Gaspar Simões, segundo a qual “o drama do poeta da *Mensagem*”¹⁷ consistiria na sua “dor de pensar”,¹⁸ no facto de ser “alguém que busca a felicidade na inconsciência, alguém que procura o paraíso na infância através do inferno do homem, ou seja, a inteligência, o pensamento”,¹⁹ o que o levou à criação do heterónimo Alberto Caeiro como personificação da “inteligência do poeta que se acusa a si própria”.²⁰

A preferência por *The Mad Fiddler* pode explicar-se pelo facto de o conceito de poesia ilustrado neste volume, apesar dos intentos de Pessoa de o dissociar dos seus princípios estéticos, ser mais próximo daquele adotado, durante muito tempo, pela maioria dos críticos. O lugar comum da “dor de pensar” baseia-se numa perspetiva que situa a linguagem poética acima da lógica discursiva comum, considerando-a um produto do subconsciente mais do que da inteligência, e dá mais importância às características formais do poema, às imagens e aos símbolos pré-analíticos, do que ao seu conteúdo. No entanto, este tipo de análise não é sempre muito adequado para todas as obras de Pessoa, tal como mostram os 35 *Sonnets*, cuja densidade ideativa e abundância de artifícios retóricos os afasta do modelo, tipicamente associado ao modernismo, da lírica que pretende dinamitar a lógica discursiva e eliminar todo o conteúdo separável da forma poética. É por causa da sua discursividade que os sonetos foram tantas vezes percebidos como um beco sem saída da lírica pessoana: conforme o conceito de poesia preferido pela crítica, as procuras predominantemente intelectuais empreendidas neste conjunto de poemas não podem ser senão estéreis. Porém, com a sua artificialidade manifesta e a sua preferência pelo paradoxo, os sonetos exemplificam uma atitude fundamental de Pessoa: a tendência desmistificadora de expor o carácter fabricado, fictício, da linguagem poética, que coexiste com a propensão contrária, para criar em volta da sua própria vida e obra uma rede altamente complexa e às vezes

17 João Gaspar Simões, *op. cit.*, p. 355

18 Jacinto do Prado Coelho, *op. cit.*, p. 97

19 João Gaspar Simões, *op. cit.*, p. 355

20 *Ibid.*, p. 186

contraditória de mistificações, que não raramente acaba por frustrar os intentos da crítica de identificar um fundo “sincero” da poesia pessoana. Portanto, uma análise mais atenta dos sonetos podia lançar luz não apenas sobre as divergências de opinião entre Pessoa e os seus críticos no que diz respeito à natureza e função da poesia, mas também sobre as particularidades da sua poética modernista. É preciso, por isso, examinar a progressão argumentativa dos *35 Sonnets*, que geralmente recebeu pouca atenção dos pesquisadores, e as relações entre as ideias ilustradas pelos sonetos e aquelas expressadas nos escritos em prosa de Pessoa.

O segundo capítulo do trabalho, intitulado “Para uma poética pessoana”, consiste numa análise das ideias estéticas de Pessoa, destinada a reexaminar o lugar ocupado pelo poeta dentro do modernismo ocidental. O principal foco da análise é a relação entre o projeto dos *35 Sonnets* e as tendências classicizantes associadas sobretudo ao sensacionismo, a mais importante corrente literária concebida por Pessoa, e ao neopaganismo, movimento cultural fictício cujos fundamentos são expostos em textos atribuídos tanto a heterónimos como Ricardo Reis e António Mora, como a Pessoa ortónimo. Por isso, a maioria dos textos analisados são relacionados a estes projetos; visto que uma examinação detalhada do pensamento de cada heterónimo não cabe no âmbito deste trabalho, as ideias de Álvaro de Campos, que segue uma direção diferente e combate os princípios neoclássicos enunciados pelos outros, receberem menos atenção.

O primeiro subcapítulo, “A linguagem da crise” examina algumas das tendências dominantes na poesia modernista, tendo em conta sobretudo o modernismo anglo-americano, devido às semelhanças assinaladas pela crítica²¹ entre a poética de Pessoa e as de poetas como Ezra Pound ou T. S. Eliot, e ao facto de Pessoa ter sido exposto, em grande parte, às mesmas influências literárias que estes escritores, devido

21 José Palla e Carmo, “Uma trindade: Ezra Pound, T. S. Eliot, Fernando Pessoa”, in *Revista Colóquio/Letras*. n.º 95, jan. 1987, pp. 26-37; Irene Ramalhos Santos, *Atlantic Poets: Fernando Pessoa's Turn in Anglo-American Modernism*, Hanover and London, University Press of New England, 2003, p. 38; Maria de Lurdes Sampaio, “Ezra Pound and Fernando Pessoa with T. S. Eliot in-between”, in Steffen Dix, Jerónimo Pizarro (eds.), *Portuguese Modernisms: Multiple Perspectives on Literatures and the Visual Arts*, London, LEGENDA, 2011, pp. 277-293

à educação anglo-saxona que recebeu na África do Sul. As ideias que estiveram na base das experimentações formais dos poetas modernistas são apresentadas no contexto duma “crise da palavra” que, segundo George Steiner, terá ocorrido na cultura ocidental na última parte do século XIX e no início do século XX.²² Depois da rejeição da dicção poética tradicional pelos simbolistas, que questionaram a possibilidade de transmitir verdades transcendentais por intermédio das palavras e acabaram por negar a possibilidade da comunicação linguística,²³ os modernistas pretenderam ultrapassar esta desconfiança na linguagem cultivando uma poesia sensorial e concreta, aspirando a uma forma poética sem conteúdo ideativo dissociável, e inspirando-se na técnicas empregadas noutras disciplinas artísticas, como as artes plásticas ou a música.²⁴ Neste período, o individualismo radical e a preocupação com a transmissão não mediada das percepções subjetivas coexistem, paradoxalmente, com um formalismo cada vez mais rigoroso, que ressalta a autonomia e a autodeterminação da poesia, considerada independente da intenção do autor e de qualquer outras circunstâncias exteriores.²⁵ O resultado é, na maioria dos casos, uma poesia que “não significa, mas *é*”,²⁶ que pretende destruir a lógica discursiva refletindo a crise a nível da linguagem.²⁷

22 George Steiner, *op. cit.*, pp. 69-70

23 Laurence M. Porter, *op. cit.*, p. x, pp. 11-12, p. 20

24 Frank Kermode, *Romantic Image*, London and New York, Routledge, 2002, p. 27, p. 53, pp. 76-79, p. 161; Andrew Thacker, “A Language of Concrete Things: Hulme, Imagism, and Modernist Theories of Language”, in Edward P. Comentale, Andrzej Gasiorek, *T.E. Hulme and the Question of Modernism*, Burlington, Ashgate, 2006, pp. 46-48; Jane Goldman, *Modernism, 1910-1945: Image to Apocalypse*, Hampshire, New York, Pallgrave Macmillan, 2004, p. 37. p. 41; Glen Macleod, “The Visual Arts”, in Michael Levenson (ed.), *The Cambridge Companion to Modernism*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999, pp. 202-203; Louis Menand, “T. S. Eliot”, in *The Cambridge History of Literary Criticism*, vol. 7, Cambridge, Cambridge University Press, 2008, pp. 35-36

25 Michael H. Levenson, *A Genealogy of Modernism*, Cambridge, Cambridge University Press, 1986, pp. 125-126; p. 133

26 Hugo Friedrich, *Estrutura da Lírica Moderna*, trad. Marise M. Curioni, São Paulo, Duas Cidades, 1978, p. 182

27 António Ramos Rosa, *A Parede Azul: Estudos sobre Poesia e Artes Plásticas*, Lisboa, Caminho, 1991, pp. 32-33; Hugo Friedrich, *op. cit.*, p. 18, p. 155; Marcos Siscar, *Poesia e Crise*, Campinas, Unicamp, 2012, p. 43